

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

NARA JAQUELINE DOS REIS

**DA MULHER PARA A MULHER:**  
UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO CONSULTÓRIO SENTIMENTAL NA REVISTA O  
CRUZEIRO

Juiz de Fora

2016

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Reis, Nara.

Da Mulher para a Mulher : uma análise discursiva sobre o consultório sentimental na revista O Cruzeiro / Nara Reis. – 2016. 54 p.

Orientador: Wedencley Santana

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social, 2016.

1. normalização. 2. discurso. 3. consultório sentimental. 4. O Cruzeiro. I. Santana, Wedencley , orient. II. Título.

NARA JAQUELINE DOS REIS

**DA MULHER PARA A MULHER:**  
UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO CONSULTÓRIO SENTIMENTAL NA  
REVISTA O CRUZEIRO

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para a obtenção de grau de bacharel.

**Orientador: Prof. Dr. Wedencley Alves Santana**

Juiz de Fora

2016

Nara Jaqueline dos Reis

Da Mulher para a Mulher:

uma análise discursiva sobre o consultório sentimental na revista O Cruzeiro

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel

Aprovada pela banca composta pelos seguintes membros:

---

Prof. Dr. Wedencley Alves Santana (UFJF) – Orientador

---

Prof. Dra. Christina Ferraz Musse (UFJF) - Convidada

---

Mestra em Comunicação Alice Enes de Matos Bettencourt (UFJF) – Convidada

Conceito Obtido: Aprovada \_\_\_\_\_

Juiz de Fora, 19 \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ Dezembro \_\_\_\_\_ de 2016 \_\_\_\_\_

Para minha mãe, Maria Raimunda dos Reis. Obrigada por sempre me incentivar e me guiar nas horas mais difíceis. Sem você isso não seria possível.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me dado a oportunidade de chegar até aqui e por todas as graças alcançadas durante todo o período. À minha mãe, pela paciência, companheirismo e por me ensinar o valor das coisas e lutar por elas. À minha avó Benedita Roque, por me ensinar que todo sonho é possível de se concretizar com muita determinação. À minha tia Aparecida Reis, que com todo seu amor e orações me doou forças para concluir. À minha família, tios, primos que, mesmo com a distância, estiveram de alguma forma presentes. Agradeço também aos meus amigos espalhados pelo mundo, mas que sempre me ouviram e compartilharam momentos importantíssimos nessa caminhada. Ao quarteto, Elisa, Douglas e Thalena, obrigada pela amizade e por sempre estarem ao meu lado. A jornada ficou mais leve com vocês. Ao meu querido orientador, Weden, dizer obrigada seria pouco para toda atenção e cumplicidade para realizar este projeto. Agradeço por acreditar em mim e despertar esse desejo de querer sempre mais. Por fim, à Faculdade de Comunicação, à UFJF e aos professores da Facom, obrigada por fazer do meu sonho uma realidade tão linda.

## **Amar**

*Que pode uma criatura senão,  
entre criaturas, amar?  
amar e esquecer,  
amar e malamar,  
amar, desamar, amar?  
sempre, e até de olhos vidrados, amar?*

*Que pode, pergunto, o ser amoroso,  
sozinho, em rotação universal, senão  
rodar também, e amar?  
amar o que o mar traz à praia,  
e o que ele sepulta, e o que, na brisa marinha,  
é sal, ou precisão de amor, ou simples ânsia?*

*Amar solenemente as palmas do deserto,  
o que é entrega ou adoração expectante,  
e amar o inóspito, o áspero,  
um vaso sem flor, um chão de ferro,  
e o peito inerte, e a rua vista em sonho, e uma ave de rapina.*

*Este o nosso destino: amor sem conta,  
distribuído pelas coisas pérfidas ou nulas,  
doação ilimitada a uma completa ingratidão,  
e na concha vazia do amor a procura medrosa,  
paciente, de mais e mais amor.*

*Amar a nossa falta mesma de amor, e na segura nossa  
amar a água implícita, e o beijo tácito, e a sede infinita.*

**Carlos Drummond de Andrade**

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo analisar os discursos femininos na seção “Da Mulher para a Mulher” na revista *O Cruzeiro*. A seção, era uma espécie de consultório sentimental, recebendo cartas de mulheres durante os anos de 1940 a 1963 para serem respondidas. Verificamos a coluna para saber de que forma esses discursos femininos na seção supracitada apontam para uma normalização do sentimento feminino. O consultório sentimental era visto pelas mulheres como um meio de trocas e aprendizado, sempre em busca de soluções para os seus problemas íntimos. No processo de avaliação e entendimento sobre os enunciados trabalhamos com a Análise de Discurso. Selecionamos aleatoriamente a 1ª edição dos meses de Janeiro, Abril, Agosto, e Dezembro, dos anos 1940, 1945, 1950, 1955, 1960 e 1963.

**Palavras-chave:** consultório sentimental; *O Cruzeiro*; sentimento feminino; discurso

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	8
CAPÍTULO 1 - A MULHER NA IMPRENSA .....	12
1.1 A revista O Cruzeiro e a Mulher .....	15
1.2 Discurso e questões da história do feminino .....	17
CAPÍTULO 2 – DISPOSITIVOS TEÓRICOS E ANALÍTICOS .....	20
2.1 Discurso e Imaginário .....	23
2.2 Não Dito, Pressuposto e Silêncio .....	26
CAPÍTULO 3- ANÁLISE PROPRIAMENTE DITA .....	27
3.1 Mulher Imaginada .....	29
3.2 Os Codinomes .....	34
3.3 O Dizer do Silêncio .....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	46
REFERÊNCIAS .....	51

## INTRODUÇÃO

O amor é algo indescritível. Um conceito abstrato, que pode ser sentido por um filho, um objeto, um companheiro e em determinados momentos da vida.

Permeia a vida do homem desde que o mundo se deu, e faz das relações afetivas um dos fundamentos da civilização.

Por quê falar de amor? Porque ele será a base do nosso objeto analisado no seu sentido mais amplo. Amor pela liberdade, amor pela novidade, pela família, filhos, o desejo de amar e ser amado e a busca incessante de um amor para se sentir saciado.

O presente trabalho de conclusão de curso visa a analisar os discursos femininos, na seção Da Mulher para a Mulher, na revista O Cruzeiro.

A escolha pela revista O Cruzeiro se deu por ser um grande veículo nas décadas de 40, 50 e 60, que trouxe uma proposta de luxo para época com a moderníssima técnica da rotogravura. Era uma revista semanal, que começou com 50 mil exemplares, com sede da redação no Rio de Janeiro e, depois, conquistou o título de maior revista ilustrada da América Latina.

Revista que contava com grandes publicidades e pregadora de um jornalismo independente a ser um instrumento de educação e de cultura. Algumas colunas ficaram famosas como os Arquivos implacáveis, de João Condé; Política Nacional, de Carlos Castelo Branco; Figuras e Fatos da História do Brasil, de Gustavo Barros entre outras.

Embora não seja reconhecida como uma revista feminina, O Cruzeiro destinava mais de 50% de suas páginas para assuntos relativos ao imaginário da mulher, considerando colunas e publicidades. Também foram pouquíssimas as edições em que a figura feminina não estampava a capa da publicação, uma intenção clara de explorar o universo feminino.

Por isso, selecionamos a revista que era uma precursora da comunicação, que tinha como função de educadora, mídia essa, que influenciava gerações de mulheres. Dentro da revista, selecionamos o consultório sentimental, Da Mulher para a Mulher que continha cartas e conselhos amorosos para as leitoras.

O consultório distribuía conselhos através da coluna, de como a mulher deveria se portar e, com o objetivo principal, de acordo com a imprensa, pregava a busca de conquistar o “amor verdadeiro”. Além de obedecer os padrões comportamentais e fazer de tudo para arranjar um marido.

Teresa, como era conhecida a consultora que ditava os conselhos, era um codinome para o pseudônimo que ajudou muitas mulheres durante a existência do consultório sentimental. Nunca foi confirmada a sua real identidade, mas havia especulações de que era uma psicóloga que trabalhava na revista.

As revistas femininas da época, assim como a coluna, eram as guardiãs da moral e dos bons costumes. Davam conselhos persuasivos sobre assuntos, como casamentos, namoros, ciúmes, dúvidas, insegurança, medo, conflitos familiares entre outros.

É importante destacar também, que as mulheres viam a revista como um suporte em suas vidas, onde poderiam desabafar, tirar dúvidas e buscar informações do universo feminino e as soluções para seus conflitos íntimos.

Na busca por uma análise assertiva, o recorte atemporal da coluna foi o tempo em que ela existiu na revista O Cruzeiro. Sua passagem durou 23 anos entre o período de 1940 a 1963. Selecionamos aleatoriamente a 1ª edição dos meses de Janeiro, Abril, Agosto e Dezembro, dos anos de 1940, 1945, 1950, 1955 e 1963.

Após o recorte, decidimos avaliar apenas as cartas femininas e suas respostas, e não as masculinas, sendo que artigos e outros textos, caso houvesse na seção, também seriam excluídos.

O trabalho está dividido em três partes. No primeiro capítulo falaremos sobre a mulher na imprensa. De como a imprensa feminina foi se caracterizando por temas como moda, beleza, culinária e outros assuntos do universo feminino que, no fim, alguns catalogaram como jornalismo de serviço. Contaremos também a história de algumas revistas e jornais que iniciaram esse processo no mundo e os primeiros aqui no Brasil.

Além da grande importância do surgimento da imprensa feminina no Brasil, um veículo se destacou: as revistas. Principais mídias de comunicação entre as mulheres, tinham um papel fundamental no comportamento feminino, quando se tratava de assuntos relacionados e que interessavam ao imaginário feminino.

Também no primeiro capítulo, abordaremos a relação da mulher com a revista O Cruzeiro, que era uma relação de extrema parceria. A revista divulgava as tendências da moda no exterior que chegavam ao Brasil, como os perfumes, dicas de beleza, receitas e tudo que pudesse captar a atenção das mulheres. Com muitas publicidades propagava a modernidade e o luxo.

A revista, através das colunas, fazia seguidoras fieis. Leitoras essas que costumavam ler a revista de trás para frente, pois era onde se concentravam os assuntos femininos.

Mais adiante, um pouco da história do feminino, como costumes e valores ainda se perpetuam na sociedade, como a mulher era vista em diferentes épocas, onde nasceram algumas superstições que estão no âmago dos padrões ainda disseminados na cultura brasileira. E também como o amor era visto pela sociedade, a construção da família e a função da mulher na comunidade.

O casamento era um dos pilares da formação civil, visto como um contrato social que elevaria ou fortificaria a união de duas famílias. A mulher que é domesticada a formar-se em dona do lar e zeladora da família. Mulher submissa ao seu esposo e que não possuía vida pública por sua constituição biológica.

O segundo capítulo vai se basear nos conceitos utilizados para a realização da nossa análise. Concepções essas, trazidas da Análise do Discurso, apoiada nas linhas de pensamento de Pêcheux e Eni Orlandi.

Será exposto como a AD trabalha e vê o texto, a linguagem e os sentidos. Como a interpretação passa por vários métodos até a análise, como ela trabalha em sua amplitude e os seus significantes. É de extrema importância a escolha da Análise do Discurso, porque vai possibilitar uma verificação das cartas e respostas, no consultório sentimental, da revista O Cruzeiro, sem saber o que iremos encontrar nesses discursos.

A AD transita no campo dos sentidos, e, se você é sujeito, você produz sentido. Essa ideia, nos remete a que todo gesto de interpretar já carrega consigo sentidos difundidos historicamente.

Outro conceito que iremos abordar é o imaginário. Pensado na relação leitora e consultora. Até que ponto as formações imaginárias a cada carta e resposta borbulham intensamente nas mentes de ambas.

Por fim, a AD vai nos amparar para que consigamos uma análise dos discursos femininos expostos na seção e mostrar quais se evidenciam a partir dos conceitos que regem todo esse método.

No terceiro capítulo, estará a nossa análise. Para executar o nosso estudo, pensamos em algo que estava em latente em nossas mentes e que nos intrigava para realizar a pergunta discursiva, que nos guiará durante todo o processo de investigação.

Após algumas pesquisas, a pergunta discursiva floresceu no campo das ideias e se instaurou definitivamente no trabalho. De que forma os discursos femininos na seção Da Mulher para a Mulher apontam para uma normalização do sentimento feminino? Entende-se

por normalização o processo social de adequação de modelos e padrões que se disseminam no corpo social.

Através das cartas enviadas pelas leitoras e as respostas divulgadas, podemos de alguma maneira ter acesso a vestígios de como a mulher se significa e significa seus próprios sentimentos em uma época onde seus sentimentos e desejos eram limitados.

Em razão disso, acreditamos que é bem provável que existam elementos de normalização na coluna Da Mulher para a Mulher, na revista O Cruzeiro.

A pesquisa será realizada com processos que otimizarão a observação e será dividida em quatro fases.

A primeira fase é a explicação sobre o objeto e como o estudo foi se moldando para que a análise pudesse acontecer.

A segunda etapa é sobre o conceito das formações imaginárias que foram avaliadas dentro dos enunciados encontrados na seção. Também foram catalogados em um gráfico quais os sentidos afetos das mulheres que mais predominavam durante o período analisado.

O terceiro passo é a utilização dos codinomes pela revista para identificar as leitoras. Como era um processo de anonimato, a coluna viu como uma maneira de reconhecimento, além do fragmento da carta, um codinome que representasse essa mulher e, que logo depois, ela percebesse que sua carta foi escolhida para ser respondida.

A quarta e última parte do estudo, foi trabalhando o conceito da AD sobre o Silêncio e os sentidos dos enunciados que se evidenciavam. Foram avaliados também, dentro dos discursos femininos, se houve algum tipo de mudança desses discursos com o passar dos anos.

Toda e qualquer interpretação praticada para se chegar a uma conclusão, foi conduzida por meio de uma construção de um dispositivo da interpretação. Colocando o sujeito em um determinado lugar e descobrir o que foi dito, como foi dito, como foi dito de um modo, e como foi dito de outro, procurando ouvir naquilo que o sujeito diz, aquilo também que ele não diz, mas constitui igualmente os sentidos em suas palavras.

Colocando-se na função de um analista neutro que permita a face de interpretação e atravesse a transparência da linguagem, da literalidade do sentido e da onipotência do sujeito. Não se colocando em um posição fora da história, do simbólico e da ideologia, porém em uma posição afastada que possa vislumbrar o caminho da produção de sentido e suas condições, instrui Orlandi (2012)

## CAPÍTULO 1 - A MULHER NA IMPRENSA

Ter o reconhecimento da imprensa como importante fonte histórica é gozar da oportunidade de relembrar momentos da nossa história. A imprensa registra, comenta, forma opiniões, distrai; através de suas palavras e imagens reencontramos valores e comportamentos. A imprensa como um todo é bem vista, porém, são em menor número os que se voltam a uma modalidade presente desde o início do século XIX: a imprensa feminina, enaltece Lima (2007).

Para Buitoni (1986), o conceito de imprensa feminina é extremamente sexuado, pois o sexo do seu público faz parte de sua natureza. Desde o surgimento no mundo ocidental, no fim do século XVII, já conduziu com finalidade às mulheres como no título do jornal – “Lady’s Mercury” – prática que persiste até hoje.

Um dos primeiros exemplares de imprensa feminina provável no Brasil segundo Lima (2007), foi o “Espelho Diamantino”, publicado no Rio de Janeiro em 1827 e o “Correio das Moças” de 1839, também carioca, como precursores da história da mídia feminina.

Esses exemplares nutriam a essência do jornalismo em seus conteúdos pois eram publicações da imprensa feminina que acabara de nascer no Brasil. Apesar disso, se sustentavam de uma maneira diferente. Na teoria do jornalismo, a notícia é o ingrediente básico do fenômeno jornalístico, mas “no sentido de registro do fato, a atualidade não está muito presente na imprensa feminina devido aos seus conteúdos tradicionais: moda, culinária, decoração que aceitam a ligação com o atual mas não são por ele determinadas”. (BUITONI, 1986, pág.13). Ou seja, é relevante, em vez da notícia, a novidade, no qual o atual pode ser descoberto ou estimulado, mas não pode ser criado.

Com a evolução da indústria gráfica, as revistas evoluíram sua apresentação visual. As gravuras, ilustrações e fotografias traziam a ideia de revista de lazer e luxo no século XX. E assim a imprensa feminina elegeu a revista como seu veículo por excelência. Além do mais, com o desenvolvimento da indústria, a revista assume o papel de uma janela, uma vitrine para produtos e comercialização deles através da publicidade.

Buitoni (1986) ainda enfatiza que há uma associação da imprensa feminina como jornalismo de serviço. Ela critica essa expressão usada principalmente pelas pessoas que trabalham em revistas. Argumenta que alguns tópicos dentro da imprensa feminina são sim de serviço, mas depende como será feita a veiculação deles. Não se pode rotular apenas pelo assunto.

Achamos que o verdadeiro serviço poupa trabalho ao receptor. Desse modo, uma matéria que compara os vários tipos de fogão existentes no mercado, trazendo inclusive apreciação de órgãos ou técnicos especializados no assunto é jornalismo de serviço: possui uma pesquisa anterior, faz testes que o consumidor comum não poderia fazer, enfim poupa trabalho a quem vai escolher, dando-lhe uma série de informações. Jornalismo de serviço não se define pelo assunto, mas pela maneira de veiculá-lo. (BUITONI, 1986, pág.21).

Outro exemplo de jornalismo de serviço que surgiu em 1693, na Inglaterra, foi o consultório sentimental na revista “Lady’s Mercury”, sendo a primeira a ter esta seção, coluna que iria gozar de enorme sucesso na maioria dos veículos da imprensa feminina. Essas seções de respostas às consultas das leitoras tinha na maior parte das publicações femininas, consultório sentimental, de beleza, médico e jurídico somando as inúmeras especialidades que estavam em alta naquele momento. Ao mesmo tempo que funcionam como serviço às leitoras, as cartas consolidam a reputação e credibilidade da revista.

De revistas populares a sofisticadas, testes “psicológicos” e horóscopos sempre marcaram presença. E as cartas, seja no consultório sentimental, seja solicitando as mais diversas informações e serviços, elogiando ou criticando funcionam como realimentadores indispensáveis ao processo de produção de imprensa feminina. (BUITONI, 1986, pág. 23)

Tratando-se de referências mundiais em termos de Europa, foi na França onde a imprensa feminina mais se firmou e depois serviu de modelo para a brasileira. Já nos EUA, é que se consolidou a denominação de magazine (em língua inglesa) que posteriormente nasceu a ideia de revista (em língua portuguesa), pontua Buitoni (1981)

As revistas tinham como prioridade assuntos femininos, ou seja, assuntos especializados para mulheres que tinham grande apreço pelo público feminino, por isso quase não há revista que não trate, de alguma forma, do tema coração. Os enfoques eram romances, melodramas, a análise e o sexo.

A propósito, a imprensa feminina surgiu sobre a literatura alinhado à moda. Contudo, no Brasil, a literatura reinou até os anos 60, pois, em seguida, vieram as fotonovelas, contos, seriados e as grandes editoriais de moda, beleza, casa e culinária. A literatura foi perdendo espaço também para moda e atividades domésticas. Enquanto na Europa e EUA, ainda se teve espaço graças à tradição de leitura de suas populações, e novos temas foram adquirindo espaço como comportamento, saúde, educação e entre outros.

As revistas femininas brasileiras que marcaram a primeira metade de século XX como as seções de mulher de “O Cruzeiro”, “A Cigarra”, “O Malho”, “Carioca”, “Jornal das Moças”, “Querida” e “Vida Doméstica” ainda acreditavam que “ser mãe e dona-de-casa era o destino

natural das mulheres, enquanto a iniciativa, a participação no mercado de trabalho, a força e o espírito de aventura definiriam a masculinidade” (DEL PRIORE, 2000, pág.284). Naquele período, a imprensa feminina fazia o papel de conselheiras das mulheres e formadoras de opinião.

Lugar de mulher é o lar[...]tentativa da mulher moderna de viver com um homem de dia, e como uma mulher durante a noite é a causa de muitos lares infelizes e destroçados [...] Felizmente, porém a ambição de muitas mulheres ainda continua a ser o casamento e a família. (Querida, nov.1954)

No que concerne à mulher é certo que [...] nesta últimas décadas seu raio de ação e atividade foi ampliado [...] mas não é menos verdade que o trabalho de dona de casa continua o mesmo [...] como em todos os tempos a regra primordial consiste em nos dedicarmos ao bem estar da família, enquanto nossos maridos se empenham em mantê-la. (Jornal das Moças, 02 Abril.1959)

Evite a todo custo ficar com seu noivo [...] a sós[...] quando deixam se elevar pela onda dos instintos para lastimarem, mais tarde, pela vida toda [...] vocês cometem o crime de roubar ao casamento sensações que lhe pertence correndo, o risco de frustrar a vida matrimonial. (O Cruzeiro, 07 out.1955)

Essas revistas de grande sucesso, logo mais, cederão seu lugar a publicações especializadas, dentre as quais a primeira a se destacar será a imprensa feminina, destaca Celeste (1997).

A grande imprensa feminina nasce com a “Capricho”, pertencente a editora Abril, com sede em São Paulo, em junho de 1952. Alguns anos mais tarde à Abril lança em 1961, “Claudia”. “Claudia”, com nome de gente, veio de uma certa busca de identidade da mulher de classe média urbana; também veio estimular e ser estimulada por todo um consumo emergente. Futuramente, a Abril tornou-se uma verdadeira escola do jornalismo feminino, pela variedade de suas publicações e pelo conhecimento que vem acumulando ao longo dos anos, descreve Celeste (1997).

Claudia foi o abasileiramento de uma fórmula de revista mensal que já vinha sendo aplicada, fazia vários anos, nos EUA, com “MC Call’s” e “Ladies Home Journal”, e, na Europa, com “Marie Claire” e “Arianna”.

Em suma, a mulher transforma-se no sujeito da revista feminina sendo sua companheira, conversando com a mulher sobre os seus problemas cotidianos e dilemas que envolvem a vida da leitora.

## 1.1 A revista O Cruzeiro e a Mulher

A revista O Cruzeiro, de Assis Chateaubriand, nasceu em 1928 com o intuito de ser a porta-voz da modernidade, juntamente com os avanços tecnológicos, que se instauraram depois da segunda guerra mundial. Segundo os Cadernos da Comunicação (2002), a revista era a cara do Rio de Janeiro, a capital da República, que ditava moda, e sede das grandes decisões políticas, econômicas e sociais. Em 1944 sua tiragem chegava aos 80 mil exemplares, sendo líder absoluta de mercado. Era composta por páginas e páginas de anúncios, como de automóveis, vitrolas, filmes, produtos de beleza, joias e entre outros.

Era uma revista ilustrada que mostrava luxo e glamour, porém circulava das mansões às favelas. “Quando O Cruzeiro atingiu sua fase de maior sucesso, era uma revista essencialmente eclética, destinada a ser lida por um público diversificado, de todas classes sociais incluindo homens e mulheres” (NETTO, 1998, pág.123). O Cruzeiro valorizava também a fotografia e a profissão de fotógrafo no jornalismo brasileiro. “A valorização da imagem fotográfica introduziu um moderno conceito de editoração, deixando de ser apenas o discurso verbal a fonte principal de divulgação de notícias”, (CADERNOS DA COMUNICAÇÃO, 2002, pág.9).

Tinha como referência as revistas americanas como Life, Look, Vogue e seus padrões comportamentais. Incentiva as mulheres através das publicidades que ao consumirem determinado produto usado pelas celebridades, as brasileiras se elevariam à “mulher moderna”. Pensamento este atrelado à ideia de modernidade que a revista propunha e aos novos padrões de consumo.

A revista O Cruzeiro não era considerada uma revista feminina, mas dedicava mais de 50% de suas páginas a assuntos relacionados ao imaginário da mulher, considerando anúncios e colunas especializadas. Segundo Netto (1998), os artigos de opinião aconselhavam as mulheres a continuar os valores da sociedade, enquanto a publicidade divulgava produtos e promovia a imagem feminina veiculada ao mundo moderno. Ao mesmo tempo também que a revista dizia ser possível conciliar consumo – considerado padrão moderno - com os antigos deveres femininos com o marido, a casa e os filhos, esclarece Francischett (2008).

De acordo com Simanke (2003), as mulheres liam as revistas de trás para frente, ou seja, era onde ficavam os assuntos femininos. Seções como Lar, Doce Lar, Beleza e Elegância, Dona, Assuntos Femininos, Cinelândia e Spot-Light abordavam temas relativos aos interesses femininos como moda, beleza, culinária, cinema e dicas relacionadas à vida doméstica.

Nessas colunas saltavam conselhos para as mulheres, como é possível ler abaixo:

Há vantagem em casar-se cedo? Sim. [...] A mulher jovem tem mais energia para a criação dos filhos[...] marido e mulher quando são jovens adaptam-se melhor [...] Muita gente, entretanto su insurge contra o casamento cedo, tanto para a mulher quanto para o homem, alegando que este precisa “gozar da vida” e que aquela não deve assumir tão jovem as canseiras de mãe de família e dona de casa. Quem argumenta assim são espíritos fracos que têm medo da reposabilidade pois um amulher bem casada e que tenha personalidade lastimará os trabalhos decorrentes do casamento. Ela se sentirá útil e esse simples pensamento a aliviará em seus momentos de canseira. (O CRUZEIRO, 11abr.1953)

Homens rejeitam a ideia de casar-se porque acham que as mulheres tornaram-se muito independentes. [...] pensam eles que as mulheres hoje são agressivas. Disputam conosco a primazia nas repartições, nos escritórios, nos esportes e na vida social. Se em vez de companheiros, seremos competidores, pra que casar? (O CRUZEIRO, 14 fev.1959)

Algumas recomendações eram regras, por exemplo:

Não telefone para o escritório dele para discutir frivolidades.  
Não se precipite para abraçá-lo no momento em que ele começa a ler o jornal  
Não lhe peça para leva-lo ao cinema quando estiver cansado  
Não lhe peça para receber pessoas quando não está disposto  
Não roube do seu marido certos prazeres como fumar um charuto ou deixar a luz do quarto acesa para ler antes de dormir. (DEL PRIORE, 2005, pág.292)

“Problemas no casamento? Nada de psicanalistas ou de tranquilizantes. Resolviam-se por meio dos conselhos de revistas femininas”, fala (DEL PRIORE, 2005, pág.292). As mulheres não podiam ter queixas. Deveriam ser amáveis e compreensivas. Quando o tema era sexo as revistas silenciavam sobre o assunto. Nas páginas de O Cruzeiro, faziam-se breves comentários ao “ajustamento sexual da união feliz”. “[...] é tolice pensar que a satisfação sexual solucionará todos os problemas da vida do casal, pois na verdade, a harmonia sexual é que depende de outras condições” DEL PRIORE, 2005, pág.294). Isto é, não adianta ser apenas boa mãe e dona de casa, tem que cumprir com os deveres conjugais.

As revistas funcionavam como termômetros dos costumes de época. Elas serviam como um canal de expressão literária, onde mulheres reclamam seus direitos e ainda traziam assuntos relacionados à moda, beleza e conselhos práticos. Por isso, muitos as intitulavam de imprensa conselheira, explica Buitoni (1986)

Em O Cruzeiro não era diferente, quando o assunto era comportamento e relacionamento, poderiam folhear as páginas até chegar à seção Da Mulher para Mulher, clássico consultório sentimental, e também nosso objeto de estudo, publicado de 1940 a 1963.

Molina (2009) refere-se à seção escrita pelo pseudônimo Maria Teresa (cuja identidade nunca foi descoberta), uma coluna que tinha como conteúdo dicas de vestimentas, respostas de cartas das leitoras com linguagem direta e pessoal. Esta seção também dispunha de anúncios publicitários destinados às mulheres. Tanto o discurso elaborado na seção quanto dos textos que comercializavam produtos, traziam referências relacionadas à família e ao lugar da mulher como esposa e indivíduo a ser guiado.

Portanto, para Del Priore (2000), como conselheira, a coluna ditava o modelo de família ideal – branca classe média, nuclear, hierárquica, com papéis definidos, regras de comportamentos e opiniões sobre sexualidade, casamento, juventude, trabalho feminino e felicidade conjugal. Tudo que era dito era um consenso social sobre a moral e os bons costumes, promoviam valores de classes, raça e gênero dominante de sua época. Assim influenciando as mulheres de classe média e alterando suas realidades.

Nas últimas décadas do século XX, o diálogo passa a fazer parte no casamento. As mulheres começam a pensar sobre o desejo de trabalhar ou continuar sendo a rainha do lar. Diminui a tolerância de infidelidades com os maridos e amor-paixão e prazer sexual são cada vez mais abordados. “Ninguém mais queria casar sem se experimentar; jovens consideradas por seus parceiros “frígidas” são por isso descartados dos jogos amorosos; as mulheres começam a discutir e a falar sobre orgasmos”. (DEL PRIORE, 2005. pág.313). Além do domínio da reprodução, graças à pílula, que vai fortificar essa liberação.

Porém não será possível ver aspectos de mudanças de conselhos e dicas na seção Da Mulher para Mulher, porque a coluna se encerra em 1963, mas alguns vestígios talvez sejam percebidos.

Depois da década de 60 a concorrência de novas publicações foi um dos motivos que levaram o fim de O Cruzeiro, como opinou Luís Carlos Barreto.

O Cruzeiro decaiu...por uma total incapacidade de se renovar...era ao mesmo tempo Amiga, Sentimental, Veja e Manchete. Você tinha conselhos de Julio Louzada, romance de José de Lins do Rego com ilustrações de Portinari, artigos de Raquel de Queiroz. Aquilo era um caleidoscópio. Então começaram a surgir outras revistas, algumas inclusive especializadas em rádio e TV. Era necessário que houvesse uma transformação, mas não quiseram. Enfim depois de várias lutas internas, a revista foi enfraquecendo. (CELESTE, Maria. 1997, pág.62)

Em 1975 O Cruzeiro encerra suas atividades.

## **1.2 Discurso e questões da história do feminino**

Para compreender as evoluções da mulher e do amor, vamos passear pela história para entender as práticas, os modos, as ideias, e como o imaginário amoroso dela foi se modificando desde a época colonial até os anos sessenta, pois é onde a seção a ser analisada se encerra.

Segundo Del Priore (2005), no Brasil colônia, a Igreja ditava sua doutrina e a existência da mulher justificava-se para cuidar da casa, lavar roupa, e servir ao chefe da família com seu sexo. No casamento, o amor-paixão era visto como inimigo e atos sexuais relacionados ao prazer eram condenáveis, pois era apenas permitido caso houvesse a finalidade de procriação. Não era só a Igreja a inimiga dos desejos, dos instintos carnis, a medicina também era contra o amor e tratavam esse sentimento como enfermidade.

“As práticas patriarcais e machistas que, ao transplantar-se para a colônia trazem em seu bojo a mentalidade de uma desigualdade profunda entre os sexos. Ao homem a vida na rua, a vida pública. Para a mulher, a vida em casa, na privacidade”. (DEL PRIORE, 2005, pág.107). Então, era na literatura e na ficção que se encontravam sentimentos e atos que enlaçavam o namoro. Podemos ver no romance *A moreninha*, de Joaquim Manuel Macedo, que insere na literatura brasileira, em 1844, o amor importado da França.

Esse amor, que se mostrava como propostas de sentimentos novos, que aos poucos estava se implementando, porque era muito difícil a escolha pelo amor na vida real ainda sujeita a critérios paternos. Os namoros vividos na igreja e em forma de moleques de recados, tentavam se sobressair aos casamentos arranjados pelos pais, que tratavam o matrimônio como um contrato social.

Já no século XIX, os jovens mantinham um contato e poderiam se conhecer, porém, o amor ainda não tinha importância perante o casamento. O monopólio dos pais sobre os jovens se demonstrava na urgência de fazer proveitosas alianças, tanto econômicas quanto políticas, como explica Berquó (1998). A idade mínima para se casar era de 12 anos para mulheres e 14 para os homens. Uma mulher de 20 anos, neste momento, era considerada uma quase solteirona.

Existiam alguns motivos que levavam as mulheres a se casarem novas, além do fato de evitar contatos sexuais antes da noite de núpcias, em uma época em que a virgindade da moça era vista como condição básica para o matrimônio.

Entre os fatores culturais e econômicos responsáveis pela tendência de que as brasileiras se casassem mais cedo estariam: a maior sujeição feminina, a procriação como objetivo principal do matrimônio, a subordinação de interesses pessoais aos familiares, a pouca educação e instrução, a inexistência de um mercado de trabalho livre e aberto à mão-de-obra feminina e, resumindo, a desimportância de critérios afetivos para a escolha do cônjuge. (DEL PRIORE, 2005, pág.172)

Falar de adultério era muito comum nos casamentos. Quando se queria herdeiros, fazia-se amor com a esposa, todo o resto, era com outra. A fidelidade era papel feminino e a infidelidade masculina era vista como mal a ser suportado, relata Lima (1987).

Quando o assunto era sexualidade feminina, várias zonas perigosas se aproximavam. Parte-se do pressuposto de que a mulher e seu instinto maternal anulavam o instituto sexual, o desejo e o prazer. Caso sentisse, eram consideradas pelos médicos ninfomaníacas. Os remédios eram banho frio, exercícios, passeios a pé. Em casos graves, recomendava-se pelos médicos a ablação do clitóris ou a cauterização da uretra, esclarece Vainfas (1983).

Algumas mudanças desses pensamentos puderam ser percebidas no final do século XIX. Por meio de práticas sociais, o conceito de casamento que superasse o negócio começa a se propagar. Pode ser visto isso no artigo no “Jornal do Commercio” em 1888 com o título sobre dez mandamentos. 1) Amar a vosso marido sobre todas as coisas... 2) Não lhe jureis falso... 3) Preparai-lhe dias de festa... 4) amai-o mais do que vosso pai e mãe... [...] 9) Não desejeis mais do que um próximo e que seja teu marido.

Já no século XX, período da República, os casamentos como contrato social acabam sendo constrangedores. “O amor não é mais uma ideia romântica, mas o cimento de uma relação” (DEL PRIORE, 2005, pág. 231). As elites substituíram a vida fechada, que tinha a igreja como principal espaço sociável, pelas novas maneiras e diversão propostas pela modernização das cidades, enaltece Del Priore (2000).

A mulher adquire também o trabalho, que é uma conquista de um novo espaço público. Grande parte das trabalhadoras ajudaram a construir o país nas primeiras décadas do século XX, mas as autoridades e homens consideravam a presença das mulheres na vida pública incompatível com a sua constituição biológica, enfatiza Blanco (1982). “Os preconceitos cercavam o trabalho feminino nessa época. Como as mulheres ainda eram vistas prioritariamente como donas de casa e mães, a ideia da incompatibilidade entre o casamento e vida profissional tinha grande força no imaginário social”. (DEL PRIORE, 2000, pág.24)

Sohiet (1989) descreve que a ideia da mulher como passiva, submissa e dona do lar ainda estava muito presente. Com a mulher no mundo do trabalho, a confusão entre mulher fácil e esposa era grande. Mesmo trabalhando, tinham que provar que eram mulheres “direitas” e seus trabalhos eram honestos. Além disto, os machistas e a imprensa atacavam as operárias, alegando que deixavam seus lares para trabalhar no seu ganha-pão.

É possível perceber também que as pessoas começam a se beijar nos anos 30, 40 e 50. Os jovens tinham mais tempos juntos e os pais eram um pouco mais liberais. Entretanto, a

vocação da mulher ainda prevalecia para a maternidade e a vida doméstica, consideradas marcas de feminilidade nos anos dourados. Existia uma separação entre moças de família e moças que não são para casar. Uma moça não podia usar roupas ousadas, sensuais, sair com muitos rapazes diferentes, se assim o fizesse, era classificada como “garota fácil”, aquela que permitiria beijos ousados, abraços intensos e outras formas de mostrar sua sexualidade. Isso era imposto, pois era a moral sexual imposta pela sociedade, observa Del Priore (2000).

## **CAPÍTULO 2 – DISPOSITIVOS TEÓRICOS E ANALÍTICOS**

Neste capítulo, vamos explorar os conceitos da Análise do Discurso, que irão embasar a análise do consultório sentimental, Da Mulher para a Mulher, na revista O Cruzeiro.

Com inúmeras possibilidades de estudar a linguagem, a Análise do Discurso surgiu como uma maneira de compreender o discurso dentro dela. Para Orlandi (2012) a AD vê a linguagem como mediadora importante entre o homem e a realidade natural social.

Momentos dos sentidos, errância dos sujeitos, lugares provisórios de conjugação e dispersão, de unidade e de diversidade, de indistinção, de incerteza, de trajetos, de ancoragem e de vestígios: isto é o discurso, isto é o ritual da palavra. Mesmo o das que não se dizem. (ORLANDI, 2012, pág.10)

Orlandi (2012) esclarece que o discurso é um objeto sócio-histórico em que o linguístico intervém como pressuposto. O discurso é o efeito de sentidos entre locutores, ou seja, é uma máquina de produção de sentidos. Desta maneira, os sentidos são sempre guiados por administradores, nunca soltos.

Há especialistas no corpo social que ditam os sentidos historicamente e formas de interpretação, como os professores, médicos, juízes e pessoas que detêm desse poder. Ao dizer a palavra interpretamos, já estamos, ao mesmo tempo, repetindo os sentidos que parecem já estar sempre lá, ou seja, sentidos já propagados no corpo social.

Nas pesquisas sobre o discurso, não se separam forma e conteúdo, porém se procura entender a língua não apenas como estrutura, mas acima de tudo como acontecimento. Com a finalidade de saber como se constitui a relação com o simbólico, na história, Orlandi (2012) apresenta:

- a. a língua tem sua ordem própria mas só é relativamente autônoma (distinguindo-se da Linguística, ela reintroduz a noção de sujeito e de situação de linguagem).
- b. a história tem seu real afetado pelo simbólico (os fatos reclamam sentidos)
- c. o sujeito de linguagem é descentrado pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas afetam. Isso redundaria em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia.

Um exemplo é que as palavras que são interpretadas por nós já chegam carregadas de sentidos construídos historicamente. Na AD, “a linguagem é linguagem porque faz sentido. E a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história”. (ORLANDI, 2012, pág.25).

Por conseguinte, Canguilhem (1980) explica que a AD se baseia em três regiões de conhecimento em suas articulações contraditórias. A teoria da sintaxe e da enunciação, a teoria da ideologia e a teoria do discurso que é a determinação histórica dos processos de significação. Tudo isso atravessado por uma teoria do sujeito de natureza psicanalítica.

É interessante ressaltar também que a AD compreende os objetos simbólicos na produção de sentidos, verificando os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico, pois eles permeiam no real do sentido.

A Análise do Discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação. Também não procura um sentido verdadeiro através de uma “chave” de interpretação. Não há esta chave, há método, há construção de um dispositivo teórico. Não há verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender. (ORLANDI, 2012, pág. 26)

Enfim, a AD pretende aprender como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está coberto de significância para e por sujeitos.

No campo da Análise de Discurso, trabalhamos com dispositivos. O dispositivo teórico da interpretação e o dispositivo analítico. Para entendê-los, primeiro precisamos saber que há uma distinção entre o dispositivo teórico da interpretação, segundo Orlandi (2012), e o dispositivo analítico construído pelo analista a cada análise. Vamos as diferenças: mesmo que o dispositivo teórico esteja incluso no dispositivo analítico, pelo analista, em uma análise específica, “o que define a forma do dispositivo analítico é a questão posta pelo analista, a natureza do material que analisa e a finalidade da análise”. (ORLANDI, 2012, pág.27).

Fundamentado nisso, o pesquisador escolhe seus conceitos e os procedimentos para que chegue à solução do problema. Sua leitura e trabalho com a interpretação irão formar o seu dispositivo analítico. Já o dispositivo teórico se sustenta nos princípios gerais da Análise de Discurso, à medida em que elabora uma maneira de conhecimento com conceitos e métodos da AD.

Com o objetivo de verificar os discursos femininos no consultório sentimental, utilizamos os aparatos da AD para nos apoiar em relação à nossa análise. As formações discursivas selecionadas nos ajudarão a apreender os vários sentidos empregados.

Um dos conceitos da AD é a formação discursiva que está envolvida numa construção ideológica, ou seja, quando uma posição dada em um determinado contexto sócio-histórico define o que pode e deve ser dito, explica Orlandi (1996). As formações discursivas, no que lhe

concerne, refletem no discurso as formações ideológicas. Logo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente.

“Elas são constituídas pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluidas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações” (ORLANDI, 2012, pág.44). Com o conceito de formação discursiva, é que podemos interpretar, no exercício discursivo, os múltiplos sentidos. Melhor dizendo, as palavras iguais podem ter significados diferenciados, porque se movimentam em formações discursivas diferentes.

Neste jogo das diferentes formações discursivas, fala-se a mesma língua, porém com sentidos diferentes. E é assim que a língua pensada em sua relação com o discurso. “Como sistema sintático intrinsecamente passível de jogo e a discursividade como inscrição dos efeitos linguísticos materiais na história” (PÊCHEUX, 1982, pág. 24).

A evidência do sentido – a que faz com que uma palavra designe uma coisa – apaga o seu caráter material, isto é, faz ver como transparente aquilo que se constitui pela remissão a um conjunto de formações discursivas que funcionam com uma dominante. As palavras recebem seus sentidos de formações discursivas em suas relações. (ORLANDI, 2012, pág. 46)

## **2.1 Discurso e Imaginário**

O sujeito discursivo deve ser pensado como “posição”, um “lugar” que ocupa para ser sujeito no que diz, segundo Foucault (1969). O sujeito ocupa seu lugar, sua posição no consultório. Teresa, a consultora, ocupa em determinados momentos várias posições-sujeitos.

A interpretação das cartas e dos conselhos distribuídos na seção, Da Mulher para a Mulher, na revista o Cruzeiro, deve se ater de que a Análise de Discurso não procura o sentido “verdadeiro”, mas o real do sentido em sua materialidade linguística e histórica.

Porque todo enunciado é linguisticamente descritível como uma série de pontos de deriva possível oferecendo lugar à interpretação. Ele é sempre suscetível de ser/torna-se outro. Esse lugar do outro enunciado é o lugar da interpretação, manifestação do inconsciente e da ideologia na produção de sentidos e na constituição dos sujeitos. (PÊCHEUX, 2005, pág. 104)

É também em relação à interpretação que podemos considerar o interdiscurso como alteridade discursiva, há uma ligação de identificação ou transferência, isto é, existência de uma relação, abrindo a possibilidade de interpretar. E é porque existe essa ligação, que as filiações históricas podem-se organizar em memórias, e as relações sociais em redes de significantes, enaltece Pêcheux (1997).

Ao trabalhar com o arquivo que, no nosso caso, são as cartas da revista O Cruzeiro, direcionadas à seção Da Mulher para a Mulher, iremos lidar com as palavras que refletem sentidos de discursos já realizados, imaginados ou possíveis. E é a partir disso, que a história se faz presente na língua.

Ao ver o texto na seção, tratamos ele como uma unidade de análise, ele não será mais visto com uma unidade fechada em si mesma. A textualidade, quando vista como material discursivo, vai possibilitar várias leituras. Deste modo, o texto pode ser considerado como uma “peça” no sentido de engrenagem, expõe Pêcheux (2005).

“O texto é texto porque significa” (ORLANDI, 2012, pág.69), para a AD, o importante é como o texto organiza a relação da língua com a história no trabalho significativo do sujeito em sua relação com o mundo. Devemos considerar o texto como “fato” discursivo que traz a memória, para a atenção dos elementos submetidos à análise. O texto trata a relação do real com seu imaginário e que a textualidade retrata.

O texto mostra como se organiza a discursividade, isto é, como o sujeito está posto, como ele está significando sua posição, como a partir de suas condições ele está praticando a relação do mundo com o simbólico, materializando sentidos, textualizando, formulando, breve, falando. Sendo que a leitura percorre esse processo. (PÊCHEUX, 2005, pág.67)

Para Orlandi (2012), todo texto é heterogêneo e o discurso é uma dispersão de textos e o texto uma dispersão do sujeito. E que um sujeito não produz só um discurso; e um discurso não é igual a um texto. No discurso há as formações discursivas que permeiam o texto e faz

com que a análise seja realizada a partir destas relações ideológicas. Isso se aplica, porque o discurso, por princípio, não se fecha. É um desenvolvimento em percurso. Os discursos não são um conjunto de textos, porém, são vistos com uma prática.

“Podemos então concluir que a análise do discurso não está interessada no texto em si como objeto final de sua explicação, mas como unidade que lhe permite ter acesso ao discurso” (ORLANDI, 2012, pág.72). E, como todo objeto simbólico, ele é o objeto de interpretação.

Pensando no princípio da AD, eis que surge a distinção do real e imaginário. O real do discurso é a descontinuidade, a dispersão, falta, equívoco, tanto do sujeito como do sentido. Já o imaginário, transita a nível de representações, a completude, coerência, a não contradição, na instância do imaginário.

De um lado, a dispersão dos textos e do sujeito (imaginário); do outro, a unidade do discurso e a identidade do autor (real).

Mesmo se o próprio do discurso e do sujeito é sua incompletude, sua dispersão, e que um texto seja heterogêneo pois pode ser afetado por distintas formações discursivas, diferentes posições do sujeito, ele é regido pela força do imaginário da unidade, estabelecendo-se uma relação de dominância de uma formação discursiva com as outras, na sua constituição. Esse é mais um efeito discursivo pelo imaginário, o que lhe dá uma direção ideológica, uma ancoragem política. (ORLANDI, 2012, pág. 74)

As formações imaginárias são as imagens de quem fala, de quem ouve, do próprio objeto, de que se fala, das circunstâncias em que se irrompem. No mundo das palavras, não há território neutro, elas significam pelo jogo de relações de força e de sentidos no imaginário em que estão imersas.

O imaginário é a representação, evocação, simulação, sentindo e significado, jogo de espelhos onde o “verdadeiro” e o aparente se mesclam, estranha composição onde a metade visível evoca qualquer coisa de ausente e difícil de perceber. Persegui-lo como objeto de estudo é desvendar um segredo, é buscar um significado oculto, encontrar a chave para desfazer a representação do ser e parecer.

Na nossa análise, vamos explorar qual é o imaginário de Teresa para com as leitoras, e também o das leitoras para com Teresa. Qual o imaginário da revista? Da seção? Das cartas? Qual o “lugar” de Teresa? Qual a “posição” das leitoras? Enfim, identificar as formações imaginárias presentes nos enunciados analisados.

## 2.2 Não Dito, Pressuposto e Silêncio

Na análise de discurso, o não dizer transita nas noções de formação discursiva, interdiscurso e ideologia. Considera-se que no dizer há sempre um não-dizer necessário. “Entre o dizer e o não dizer desenrola-se todo um espaço de interpretação no qual o sujeito se move. É preciso dar visibilidade a esse espaço através da análise baseada nos conceitos discursivos e em seus procedimentos de análise” (ORLANDI, 2012, pág.85).

O silêncio tem suas variações, segundo Orlandi (1993), por exemplo, o Silêncio Fundador, indispensável aos sentidos, pois, sem silêncio, não existe sentido. “É o silêncio que existe nas palavras, que as atravessa, que significa o não-dito, e que dá um espaço e recuo significante, produzindo as condições para significar. O silêncio como respiração da significação para que o sentido faça sentido”. (PÊCHEUX, 2005, pá.128)

O outro é a política do silêncio que se subdivide em silêncio construtivo, isto é, uma palavra apaga outras palavras, produzindo um silêncio sobre os outros sentidos, e o silêncio local, que é a censura, aquilo que é proibido, apagamentos de sentidos possíveis.

As relações de poder presentes na sociedade sempre carregam o silêncio nas palavras. Na análise, vamos averiguar o que está sendo dito, o que não pode ser dito. Lembrando que as duas formas de silêncios acompanham qualquer discurso, qualquer produção de sentido. Mas elas funcionam de maneiras distintas.

“Ritmo marcado, os sentidos têm uma relação necessária com o silêncio, onde o silêncio não é a falta de palavras, (há palavras cheias de sentidos a não se dizer, logo cheias de silêncios) e onde o branco não é ausência de sentidos” PÊCHEUX, 2005, pág.129).

Em princípio, o silêncio não fala, ele significa. Ele tem sua forma específica, sua materialidade, enquanto fora o significante. Silêncio também é discurso. Então, os estudos sobre o silêncio acabaram deslocando duas fronteiras, entre o dito e o não-dito.

Se um sentido é necessário, ele é possível. O silêncio é a garantia desta necessidade pois o não-dito, o silêncio significa. Os sentidos silenciados migram para outros objetos simbólicos atestando sua necessidade. Como esta migração é produzida pela necessidade histórica, para compreender um discurso, devemos nos perguntar sistematicamente o que ele cala, afirma Pêcheux (2005)

O silêncio permite entender a incompletude na base da interpretação, dos caminhos de sentidos e deslocamentos dos sujeitos, movimento contínuo entre a repetição e a diferença.

A relação dito e não-dito vem do entendimento do “diz-se-que”. “Às margens do não-dito se formam os ‘diz-se-que’, presença ausente (imaginária) de um já dito ratificando uma relação plausível entre causas e consequências”. (PÊCHEUX, 2005, pág. 138).

Ducrot (1972), em sua reflexão, trouxe diferentes formas de não-dizer (implícito), o pressuposto e o subentendido, este autor classifica o pressuposto aquilo se dá em contexto. Um exemplo: “se digo que ‘deixei de fumar’ o pressuposto é que eu fumava antes, ou seja, não posso dizer que ‘deixei de fumar’ se não fumava antes. O posto (dito) traz consigo necessariamente esse pressuposto (não dito mas presente)” (ORLANDI, 2012, pág.82).

Por fim, fica subentendido o motivo. Pode ser porque faz mal à saúde ou pode ter outras inúmeras razões.

### **CAPÍTULO 3- ANÁLISE PROPRIAMENTE DITA**

Neste capítulo, iremos analisar os discursos femininos, na seção Da Mulher Para a Mulher, da revista O Cruzeiro. Nosso objetivo é verificar se há discursos de normalização e também compreender as relações imaginárias entre as leitoras e a revista. Sendo a nossa hipótese de que há esse discurso de normalização para com as leitoras.

Utilizaremos a análise de discurso como método analítico, que é visto como um recorte em relação à língua e ao discurso. “Nem o discurso é visto como uma liberdade em ato, totalmente sem condicionantes linguísticos ou determinações históricas, nem a língua como totalmente fechada em si mesma, sem falhas ou equívocos”. (ORLANDI, 2009, p.22).

O discurso em si é uma construção linguística atrelada ao contexto social no qual o texto é desenvolvido. Ou seja, as ideologias presentes em um discurso são diretamente determinadas pelo contexto político-social em que vive o seu autor. Mais que uma análise textual, a análise de discurso é uma análise contextual da estrutura discursiva em questão. Com esse método, nossa pesquisa, considerando a importância do entendimento do funcionamento do discurso, busca identificar quais formações discursivas vão se enunciar na seção Da Mulher para a Mulher. Lembrando que este projeto dialoga com a Análise de Discurso desenvolvida pelo Grupo Sensus, da Universidade Federal de Juiz de Fora. E mais especificamente com a pesquisa desenvolvida por Wedencley Alves Santana sobre discursos de higienismo na imprensa e discurso na mídia sobre o bem e o mal estar.

A revista O Cruzeiro foi escolhida para esta pesquisa por se tratar de uma mídia importante, durante o período analisado, sendo uma das precursoras de revistas ilustradas e um dos meios de comunicação mais importante do país e da América Latina, com abrangência nacional e internacional (MONTEIRO, 1997).

Creio que um aspecto bem marcante da abordagem típica dos artigos da revista é a oposição constante e a definição interrelacionada entre homem e mulher. Um não existe sem o outro, um não se define a não ser em oposição ao outro. (...) as categorias e formulações que porventura são encontradas nos textos da revista se definem sempre em relação ou em oposição a uma série de outros conceitos, que são organizados também de maneira hierárquica nos dizendo algo sobre as relações de poder presentes na sociedade entre os sujeitos apresentados nas revistas. (MONTEIRO, 1997, p. 8).

O conteúdo analisado serão as cartas enviadas pelas leitoras, para a coluna Da Mulher para a Mulher, e as respostas dadas a essas leitoras que viam a revista como uma forma de diálogo, conhecimento e em busca de soluções para sua vida afetiva. Essa mulher que vivia em uma esfera privada - seu lar - onde não havia espaço público para se colocar, encontrou nas cartas refúgio para adquirir diálogo e conselhos no consultório sentimental. Lembrando que a seção contém outros textos, mas a análise vai ser focada no consultório sentimental e exclusivamente nas cartas femininas e não masculinas.

O período analisado será a duração deste consultório na revista, que é de 1940 a 1963. Foram selecionadas aleatoriamente a 1º edição dos meses de Janeiro, Abril, Agosto e Dezembro, dos anos 1940, 1945, 1950, 1955, 1960 e 1963, último ano da seção. Isso nos

permitirá, com alguma precisão, identificar os discursos predominantes ao longo destes anos no consultório sentimental.

Este conteúdo está disponível na biblioteca nacional digital, que consiste em quase sua totalidade todas as edições. Vamos trabalhar com o que estiver acessível nesta ferramenta. Caso não encontremos, iremos considerar o mês seguinte ou não será analisado se não houver a seção. Mas a pequena falha no acervo não compromete a noção do todo.

Para otimizar a verificação, vamos codificar as cartas e as respostas por ano, edição, página e carta. Por exemplo, (A40E5P95C4), ano em que a revista foi publicada, a edição desta revista, a página em que se encontra a seção e o número da carta catalogado por numeração da primeira à última.

Na seção da Mulher para a Mulher constam fragmentos das cartas enviadas pelas leitoras. Muitas das vezes, o motivo pelo qual ela escreve fica subentendido e em outros momentos explícito. Isso não prejudica nossa análise, já que vamos observar os sentidos desses discursos entre os interlocutores, posto que a pergunta em si não nos representa em discurso, apenas o fragmento dele resultará na pesquisa e, principalmente, os discursos que se materializam em forma de texto, tanto nesses fragmentos, quanto nas respostas de Teresa, que se encontram na íntegra, com sugestões, orientações, conselhos e dilemas.

### **3.1 Mulher Imaginada**

Pensando nas formações imaginárias que se constituem em dois elementos, A e B, que fazem projeções sobre si e sobre o outro, e a partir dessas projeções, formam suas relações de sentidos, e se posicionam também nestas relações, vamos começar a análise apoiado nessa vinculação entre A e B. Por conseguinte, o que está em movimento são as representações desses lugares.

Em outros termos, o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. Se assim ocorre, existem nos mecanismos de qualquer formação social regras de projeção, que estabelecem as relações entre as situações (objetivamente definíveis) e as posições (representações dessas situações) (PÊCHEUX, 1993, p.82).

Segundo Santana (2014) estariam em jogo em todo e qualquer processo discursivo as seguintes formações imaginárias.

IA(A): Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A - Quem sou eu para lhe falar assim?

IA(B): Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A - Quem é ele para que eu lhe fale assim?

IB(B): Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B - Quem sou eu para que ele me fale assim?

IB(A): Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B - Quem é ele para que me fale assim?

Ou seja, como a consultora, Teresa, se posiciona perante a leitora? E também a leitora perante Teresa? Quais as formações imaginárias se realizam durante esses discursos? É uma troca constante de posição de lugares e de posição-sujeito. Essa visão imaginada durante os discursos e o lugar das mesmas, constituem não só o lugar de fala, mas também as relações de poder.

Há, portanto, uma relação direta entre o saber, principalmente, o científico partir do imperativo do saber-de-si –, os micro-poderes e a constituição das identidades culturais, que funcionam como referenciais de conduta e subjetividades mesmo em sociedades altamente complexas como as sociedades contemporâneas. (SANTANA, pág.7.)

As cartas e as repostas são os próprios discursos analisados. Sabe-se, como dito acima, que o jogo das projeções imaginárias marca indelevelmente as antecipações e as respostas na interlocução. Sabido isso, vamos percebendo ao longo dos discursos uma expressão que caracteriza um discurso de afetividade, de amizade. Teresa refere-se à leitora como “minha amiga”, como podemos ver em, A40E6P54C7, A45E12P68C3, A45E41P68C2 e A50E7P128C3.

“Não é sem razão, **minha amiga** que dizem ser cego o amor”

“**Minha amiga**, dois são os caminhos”

**“Minha querida amiga!**

“Outra coisa não lhe posso aconselhar **amiga**, senão que procure um médico”

Ao usar essa expressão “amiga”, é possível averiguar de que Teresa imagina a leitora como sua amiga, assim, expressa um carinho muito grande para com a leitora. Demonstra também uma relação de afetividade, onde conselhos são distribuídos em seu consultório sentimental de forma próxima e atenciosa. Quando há um relacionamento de amizade, as coisas ficam mais fáceis e se constrói um laço de confiança nesse discurso. Do mesmo modo também, toma para si a responsabilidade de aconselhar conforme seus critérios e sua memória histórica, baseando em suas concepções de mundo ao qual ela vive.

Falando em conselhos, Teresa recorre em alguns momentos a uma posição-sujeito de autoridade enquanto expõe suas recomendações e dita as atitudes corretas a serem feitas em cada caso. Tomemos como exemplo, A60E12P43C2, A60E25P85C5, A50E12P108C3, A50E12P108C4 e A45E12P68C4.

**“Você que tem tudo, não seja exigente”**

**“Você precisa, em primeiro lugar, pacificar o conflito que vive dentro de você”**

**“Aconselho-a, portanto, a usar de toda sinceridade em suas cartas. Não se apresente como uma infeliz noiva incompreendida”**

**“Quando isso acontece o melhor é terminar de uma vez”**

Ao utilizar esse jogo imaginário de que ela possui o poder de fala e pronuncia seus ensinamentos, Teresa constrói seus enunciados mostrando a sua voz de autoridade. Sabe do seu poder de discursar e proclamar suas orientações às suas leitoras. Quando ela ordena, “não seja exigente”; “você precisa”; “aconselho-a”; “não se apresente”; “é melhor terminar”, é o discurso de autoridade que evoca. Seja para o lado positivo ou negativo do problema, busca estabelecer ações a serem seguidas para solucionar o que aflige a leitora.

É interessante também o discurso de compaixão que Teresa tem, quando se depara com alguma situação já vivenciada por ela.

**“Também como ela, sou separada, também tenho filhos que ficaram marcados com o afastamento do pai e que agora, me lançam em rosto a minha**

**falta de jeito, acusam-me de não ter sabido de preservar o seu lar, de lhe tirar o que é mais necessário a uma criança; um pai. Mas que poderei dizer a Lurdes senão isso que ela está sentindo – isto é – a inutilidade de um arrependimento tardio?”**

**“Ah, se a gente quando moça e inexperiente tivesse alguém para nos abrir os olhos”**

**“Aceite minha simpatia e minhas orações é tudo que posso lhe oferecer”.**

Ao se colocar no lugar da leitora, Teresa mostra uma sensibilidade ao dizer que orará por ela por saber o que ela está vivendo e ainda vive com aquela situação. Neste enunciado, ela assume a posição-sujeito de mãe, mulher e separada. Mas, ao mesmo tempo, diz nas suas duas primeiras formações discursivas de A63E43P88C4, que a “culpa” é da própria leitora e que não pode se fazer mais nada, pois é um “arrependimento tardio” que ela mesmo o teve. Também relata que poderia ser evitado, caso ela, como é visto nesse enunciado, “tivesse alguém para nos abrir os olhos”. Ou seja, ela compadece.

Já a posição-sujeito em que algumas leitoras se colocam, na maioria das vezes, é do discurso da dúvida sobre o que fazer em determinado caso ou situação, em relações às suas questões afetivas.

É presumível que o sentido desses enunciados, A40E6P58C11, A45E6P68C1, A50E42P124C1, que se repetem ao longo da seção, carregam consigo em forma de perguntas de interrogações ou afirmativas, sinalizando o caráter de dúvida nessas cartas.

**“Sei que estou diante de um caso como muitos outros: um homem que não é livre e que se apaixona porque não é feliz no próprio lar. Devo consentir o seu desquite em benefício do nosso amor?”**

**“Devo fazer alguma coisa por ele?”**

**“Haverá algum mal em que ele pegue nas minhas mãos?”**

A leitora, na maioria das vezes, se coloca diante da consultora com alguma inquietação, disposta a ouvir essa conselheira que lhe trará alguma solução para o seu problema afetivo. Sempre na posição-sujeito de ouvinte e atenta às instruções do sujeito universal, Teresa.

Porém, outras questões são colocadas entre essas perguntas. A auto aceitação do corpo para encontrar um namorado, esposo, companheiro, aparece em alguns discursos das leitoras.

**“Mando-lhe as minhas medidas para que me responda se sou proporcionada”**

**“Tenho uma pena infinita de ser feia”**

**“Indique um preparado qualquer”**

**“Eles vivem mangando de mim”**

A coluna acaba tendo um papel social, além de conselhos amorosos. Como essas leitoras veem através desses enunciados A40E6P55C5, A45E12P68C2, A60E47P52C1 e A60E12P43C1, um discurso de conforto e dicas para melhorar a aparência. É um outro viés do consultório sentimental, que aparece nas cartas.

Teresa deixa claro a essas leitoras, que a beleza é importante sim, porém, outros atributos são necessários para encantar um bom rapaz. Indica uma alimentação adequada, e que o tempo se encaminhará de trazer um bom homem para construir uma família abençoada.

Em uma pré preparação para a análise, selecionamos os temas que mais levavam as leitoras a esses questionamentos na seção da Mulher para a Mulher, na revista O Cruzeiro. As cartas sempre tinham um cunho de dúvida relacionada a vários temas. Categorizamos alguns sentidos de afetos das leitoras que podem ser vistos nesse gráfico abaixo:

Gráfico 1



### 3.2 Os Codinomes

Por se tratar de um consultório sentimental, muitas mulheres buscavam sigilo de suas cartas, tanto para a sua imagem e privacidade, quanto para se resguardar de possíveis preconceitos. Com essa impossibilidade de identificação, o meio utilizado pela revista para que as leitoras reconhecessem suas cartas e lessem as respostas, eram os fragmentos da carta colocado entre aspas, o local de origem da remetente e um codinome que falasse o que a mulher estava sentindo naquele momento. Isso ficou muito marcado na seção e se perpetuou por quase toda a história do consultório como um padrão.

**Triste apaixonada** – São Paulo - “pareceu-me sem vontade de viver de tão desânimo”

**Cleópatra** – São Paulo - “temo acabar ficando sem nenhum”

**Miosótis** – Onde estiver - “estou tão decepcionada”

**Forget Me Not** – Algum lugar de Minas – “não há esperança de que você me ajudará, mando-lhe um cartão dele”.

Em A45E12P68C3, denominada “triste apaixonada”, já revela o motivo pelo qual a mulher escreveu. A própria consultora já coloca entre aspas como percebeu o discurso da

mulher de estar apaixonada e triste, tristeza essa transpassada em sua carta. É uma codificação da carta, segundo Teresa.

Já em A45E41P68C3, chamada de Cleópatra, aquela que encantava os homens com a sua sedução. No enunciado entre aspas da sua carta, revela a indecisão de ter vários homens e o medo de no final de tudo ficar sozinha. Ou seja, há uma combinação entre codinome e o enunciado entre aspas, para categorizar o assunto que irá ser tratado naquele instante.

No terceiro codinome, A45E41P68C4, a remetente é reconhecida como Miosótis, que é um gênero de plantas pertencente à família Boraginaceae. Suas flores são também habitualmente chamadas de não-me-esqueças. Isto é, Teresa faz uma associação da planta que possui um significado característico de sentido.

A45E41P68C2 é escrito em língua inglesa, Forget Me Not, ou seja, não me esqueça que tem o mesmo significado da anterior, porém com sentidos diferentes. Miosótis era no sentido real, o medo da perda. Já em Forget Me Not é em tom de ironia, já que a leitora busca a aprovação do companheiro para um possível relacionamento, e Teresa adverte: “minha querida, não tenho a função de detetive aqui”.

**Gauchinha da Fronteira** – Uruguaiana – “poderia me fazer um obséquio?”

**Pernambucana apaixonada** – Recife – “haverá algum mal em que ele pegue nas minhas mãos?”

**Carioca** - Petrópolis – “tenho vinte e dois anos e ele tem dezenove”

Nos três enunciados acima, A50E12P108C1, A50E42P124C2 e A50E42P124C2 os codinomes vêm como forma de referência ao lugar em que a pessoa mora, ou colocou na carta a sua localização. Gauchinha da Fronteira, por exemplo, é por causa do município de Uruguaiana estar localizado no Rio Grande do Sul, assim, Pernambucana, em Recife, e, no entendimento de Teresa, Carioca, em Petrópolis. Sabe-se que apenas quem nasce na cidade do Rio de Janeiro é carioca, no estado, é considerado fluminense.

Também pode ser identificada por um nome que não seja o real, mas um fictício, que poderia ser outras mulheres.

**Rosângela** – Varginha - Acha que devo esperar?

**Lúcia** – Minhas – Foi tudo um lindo sonho

**Stela** - Onde estiver – “não quer comer mais pão nem massas, em geral.

A50E12P108C2, A60E12P44C6 e A63E43P88C1 são nomes comuns de brasileiras, é uma forma de se ter um nome e representação de que poderia ser qualquer nome ali, para gerar também algum tipo de identificação.

Algumas designações são feitas a essas mulheres, por conseguinte, são adjetivadas por Teresa sobre o assunto que abordam e necessariamente expõem o seu estado de espírito. Os codinomes vêm para reforçar essa ideia do adjetivo, julgada por Teresa, e coloca o sentimento em evidência por trás daquela carta. Assim, Teresa já adianta qual será a postura dela perante a situação ou caso a ser examinado.

Todos esses enunciados logo abaixo: A50E12P108C3, A60E12P43C2, A50E7P128C1, A60E8P50C5 e A60E8P50C2, sustentam esses adjetivos e reforçam aquele sentimento vivido pela remetente da carta ou presumido pela consultora.

**Desiludida** - “ele me disse para esperar”

**Angustiada** – “diz que não poderá viver sem mim”

**Alma triste** - “penso que quando papai vier”

**Arrependida** - “devo contar tudo a um médico ou a um padre”

**Revoltada** - “ele diz que não concorda com as minhas ideias”

Esses enunciados classificam essas mulheres. É como se ao “rotular” com aquele ou outro significado, resumiria a sua condição atual, seu estado de existência. Desiludida é um estado de espírito de desânimo, cansaço. Angustiada é de que existe algo a te torturar e atormentar constantemente. Alma triste é um estado de desalento, insatisfação com algo e, por fim, a Revoltada, indignada por algo que não concorda ou acha errado.

Além da relação de amizade, como já foi dito acima, é possível deferir que não é só uma relação de momento. Teresa busca com o consultório estreitar essa relação, dar continuidade e fazer com que essa amizade se estenda por muitos anos.

Nesses enunciados a seguir, é praticada essa reafirmação de amizade e vontade de dar sequência a outros assuntos que possam vir a atormentar essa mulher.

**“Depois me conte o resultado. Agradeço e retribuo o seu abraço”.**

**“Por quê me escreve na segunda pessoal do plural? Não acha um tratamento afetadíssimo entre amigas”?**

Com isso, juntamente com o codinomes, torna-se uma relação muito íntima e particular. A45E12P68C5 e A45E12P68C1 concretizam essa busca por discursos sinceros e atrativos de confiança.

Quando se busca um consultório, é entendido que a pessoa está à procura de algo para ser solucionado, ou revisado, explicado, sanado. A partir deste pensamento, espera-se que a carta seja respondida e o incômodo resolvido. Porém, Teresa vê além de uma simples troca de perguntas e respostas. Ela se preocupa com o desfecho da situação, se a pessoa seguiu seu conselho, se deu certo, ou não. Nos enunciados abaixo: A45E41P68C3, A45E6P68C4, A50E12P108C1, A50E12P108C3 E A60E47P52C2 se concretizam formações discursivas desse laço contínuo que Teresa almeja.

**“Mesmo que não tenha seguido meu desprezioso conselho gostaria muito de saber como ficaram as coisas”**

**“Apareça sempre menina. Felicidades! Ah! E muito obrigada pelas receitas e pelas sugestões. Assim que sair o livro – no próximo ano – seguirei sugestões como a sua. Apareça sempre”.**

**“É uma gauchinha bonita profundamente desejosa de manter correspondência com você”**

**“Se ainda precisa de mim farei sempre boa vontade para ajudá-la”**

**“Se quiser escrever-nos de novo, estaremos às suas ordens, prontos para ajudá-la, na medida de nossas possibilidades”.**

O discurso de fraternidade e a importância para com essa leitora se sobressai. Ela também se coloca na posição-sujeito no primeiro enunciado de que nem sempre a classificada pelo codinome, seguirá seus conselhos. Porém busca a resposta de como o caso se encerrou.

No segundo enunciado, é perceptível a relação de troca, tanto da leitora, como da consultora. No caso, conselhos e receitas.

No terceiro enunciado, coloca explicitamente seu desejo de manter essa relação com a gauchinha.

No quarto enunciado, demonstra sua preocupação em ajudar, aquela que sempre fará o possível para atender a todas.

No quinto enunciado, e último dessa seção, ela incentiva a escrita das cartas e, de novo, coloca-se como uma receptora disposta a ajudar a resolver os inúmeros problemas relacionados ao universo feminino dentro da seção, Da Mulher para a Mulher, na revista O Cruzeiro.

### 3.3 O Dizer do Silêncio

Neste tópico, iremos observar os enunciados presente nas repostas da consultora, Teresa, e examinar as formações discursivas feitas no consultório.

De antemão, podemos já notar o discurso de proximidade nas respostas da consultora.

“**Diga-me** francamente do que se trata e procurarei **ajudá-la** no que for possível”.

“Examine-o **você** mesma com calma e sem paixão”

“**E na sua próxima carta deixe esse cerimonioso de lado e trata-me por você**”

Ao utilizar os verbos imperativos; “diga-me”, “ajudá-la” e “você” faz com que a leitora se sinta como se estivesse ao lado da linha telefônica, traz proximidade nesses enunciados A40E6P53C1, A40E6P46C2 e A45E12P68C2. E não é só nas primeiras cartas essa tentativa de proximidade da consultora com as leitoras, isso se estende para a maioria das cartas como em A60E8P55C1, A50E12P102C3, A63E26P43C4, ou seja, é um dos discursos predominantes que se expande por toda a seção.

Alguns enunciados das repostas assumem a posição-sujeito de autoconhecimento sobre o assunto. Vemos na expressão “crer”, o que a consultora toma como verdade absoluta e relata em suas formações discursivas.

“No entanto **creio**, porque tenho muita experiência que não deve ir por este caminho que futuramente só lhe trará infelicidade”

“**Creio** que aqui se encontra a razão de seu fracasso sentimental”

“Não **creio** que o desquite possa privá-lo do menino”

“**Creio** que você Fernanda ainda está muito aflita para tomar uma resolução acertada”

Nos enunciados acima: A40E6P54C7, A40E6P54C6, A40E60P54C7 e A40E60P46C3, a palavra “crer”, assume papéis tanto negativos como positivos em relação aos efeitos de sentidos. É a posição-sujeito de conhecimento absoluto e sabedoria pelo qual está sendo construído pela consultora.

Mais adiante, notamos como a conselheira usa o verbo achar. Seguem abaixo os enunciados A45E41P68C1 e A60E25P84C4 que demonstram a mudança com o passar dos anos na seção.

“**Acho** a ideia excelente, desde que jamais ele possa perceber que partiu de você”.

“**Achamos** ótima a ideia do rapaz de que você vá passar uns dias com a família dele”.

A primeira formação discursiva está inserida nos anos 45. Neste instante, ela utiliza o verbo na 1º pessoa do singular, onde é possível afirmar que existe uma personalização de Teresa, ela fala por si só. Toda e qualquer responsabilidade sobre o que é dito e aconselhado está diretamente ligado a ela.

Já na segunda formação discursiva está nos anos 60. Podemos ressaltar a mudança desse verbo para a 3º pessoa do singular. Aqui, o verbo traz o sentido de institucionalização, isto é, agora ela não fala por si, mas em nome da revista, ou sua equipe e colaboradores se houver.

Um tema bastante recorrente no consultório é o casamento. Sim, ele ocupa grande parte das perguntas enviadas para a revista. Por se tratar de uma época, em que as mulheres viviam para seus maridos e sua família, tudo que gerava desconforto, dúvidas, e algumas descobertas que para o tempo não eram considerados o padrão, gerava inquietações nessas mulheres. A partir desses questionamentos, algumas mulheres se viam sozinhas e não sabiam lidar com aquele fato ou pensamento. Por isso, muitas das vezes, escreviam constantemente na busca por respostas. Em A45E6P68C2 e A45E6P68C4 evidenciava-se como o consultório respondia questões atreladas ao casamento.

**“Você é apenas uma mulherzinha maluca. O casamento não é uma sequência de novidades e divertimentos, mas a continuação normal da vida de solteira com mais responsabilidades”.**

**“Sou de opinião que a mulher só deve viajar sem o marido, só deve separar-se dele em caso de extrema necessidade”.**

Na primeira formação discursiva, encontramos quase uma bronca severa a respeito do que é o casamento. Para Teresa, esta união não se baseia em divertimentos e “novidades” ou aventuras junto com seu esposo, é a continuação normal da vida de solteira com mais obrigações. Ela coloca um parâmetro do que é o casamento, com base de que a mulher não pode experimentar ou ter curiosidades, a mulher deve ser séria e responsável com o casamento e seu marido.

Em outra formação discursiva, fala que é na dependência que o casamento se estabelece. De que a mulher não deve fazer viagens sozinha ou se separar do marido para fazer suas coisas. É um elo extremamente necessário e que é apenas aceitável que aconteça em casos de urgências.

Quando o assunto é vida sexual e temas relacionados à sexualidade, não se vêem cartas ou dúvidas sobre isso. Identificamos apenas leves passagens de leitoras que tocam um pouco no assunto. Pode ser notado em A45E6P68C2.

**Alguém – Onde estiver – “quis dar umas palmadas em meu marido, depois tomei licor até ficar tonta”.**

**“Bonito! Muito bonito! Se amanhã você acabar apanhando uma surra do marido, não poderá se queixar, sabe disso? Que coisas desagradáveis e bobas você fez, sem nenhum motivo. Imagine o que não fará quando estiver uma razão séria de aborrecimento. Sabe que homens cansam dessas crianças”.**

O tema sexualidade é tão perturbador que a leitora não coloca a sua localização e nem a consultora seu nome ou algum codinome. O fato de que “alguém” sentiu o desejo de dar umas palmadas em seu marido e talvez dali partir para o sexo ou apenas despertar o desejo, a atração, a mulher diz se sentir impossibilitada de concretizar o ato por estar com pensamentos “sujos”, como não teve coragem sua válvula de escape foi o licor.

Na resposta, Teresa critica de forma dura com a palavra “bonito”. Diz que seus atos terão consequências e, mesmo se um dia seu marido se aborrecer e agredi-la, não poderá se lamentar. Que suas fantasias terão consequências e com uma posição-sujeito igual a uma mãe que dá uma grande bronca ao filho, Teresa faz o mesmo. E no final traz uma ameaça, se esse seu comportamento se repetir, poderá ser deixada, pois os homens não gostam deste tipo de atrevimento.

Outro conselho dado que tem algum resquício sobre sexualidade é de como se comportar diante de situações quentes. A50E24P100C3 está angustiada por não saber como lidar com essas situações e, por isso, teria interrompido os encontros.

**“Fez muito bem em ter brecado os seus avanços. Não tivesse procedido assim e o rapaz teria saído fora da linha. É verdade que se retirou, mas sem qualquer prejuízo para você porque, se não voltar, é porque estava mal intencionado a seu respeito e terá sido então um benefício ver-se livre dele. Se vier novamente é porque gosta de você com sinceridade e desta vez saberá apreciar suas virtudes”.**

Ao utilizar o termo “fez muito bem” aconselha que, ao se retirar das investidas do rapaz, foi assertiva na decisão de deixar o local. Caso o contrário, segundo Teresa, o rapaz “teria saído fora da linha”. Essa expressão fora da linha, geralmente, é utilizada quando alguma regra é quebrada. Se o “normal” é ter encontros onde o cavalheiro respeite a moça sem mãos bobas, quando isso acontece, é taxado como anormal ou impróprio para a década de 50.

A conselheira também tenta acalmar a senhorita dizendo que, se o rapaz for de sentimento verdadeiro para com ela, voltará a lhe procurar. Se não, foi melhor ele partir. Ao final, ela usa a seguinte formação discursiva: “e desta vez saberá apreciar suas virtudes”. A palavra virtude, carrega consigo respeitabilidade, um valor, um atributo. Como a moça soube lidar com a situação de maneira correta, segundo o padrão, ela demonstra estar dentro desse parâmetro explicitado pelo consultório.

É bom lembrar que as orientações do consultório sentimental não são o que as moças normalmente gostam de ouvir. Ele tem um papel muito importante na vida dessas mulheres que buscam auxílio, mesmo que este não seja o esperado. É perceptível que as recomendações são verdadeiras e sinceras. Muitas das vezes com um tom até ácido.

**“Ficar esperando calmamente. Pelo visto, o rapaz não está interessado em você, se não a procuraria mais vezes. Espere mais um pouco e, se ele não se manifestar, procure não pensar mais nesse caso que, ao que me parece, está só dentro da sua cabecinha”.**

**“Quando isso acontece, o melhor é terminar tudo logo de uma vez. As moças têm uma péssima mania de usar panos quentes nos seus casos de amor e nunca podem imaginar o tempo precioso que perdem nisso. E no seu caso, quem sabe se as coisas poderão melhorar, se você tomar uma atitude”?**

Na primeira resposta, A45E24P68C3, a consultora é bem clara e objetiva. “O rapaz não está interessado em você”. Para quem busca uma solução para o problema relatado, pode ser um choque de realidade ao ler essa frase. Ao usar esta afirmação, a conselheira esclarece que não se deve ter esperanças em relação ao homem. E, logo mais abaixo, completa, “ao que me parece, isso só está dentro da sua cabecinha”. É desesperador para quem lê? Talvez, mas, ao mesmo tempo, pode ser libertador.

Na segunda resposta, A45E12P68C4, ela esboça a sua opinião na primeira frase. “Quando isso acontece, o melhor é terminar tudo logo de uma vez”. Quando se trata de questões do coração, as coisas podem ficar um pouco assombreadas. É nessas horas, que, ao ler um conselho forte como este, surge a segurança de tomar tal decisão, ou avaliar o que realmente está em jogo. Ela prossegue ao dizer que “as moças têm uma péssima mania de usar panos quentes nos seus casos de amor e nunca podem imaginar o tempo precioso que perdem nisso”. Nessa formação discursiva, ela relata outro padrão intitulado a mulher. De que a mulher é paciente, é equilibrada e deve manter a calma em qualquer situação. Mas, em vez de concordar com isso, ela adverte, diz que a mulher deve parar de suportar coisas para tomar uma atitude perante o que lhe agonia.

Mais uma demanda do consultório são os relacionamentos com idades diferentes. Por exemplo, em A50E7P128C6 e A50E42P124C2.

Juriti, Minas – “Ele tem o dobro da minha idade”.

**“Você pode ter dezessete anos e seu namorado trinta e quatro. A diferença é grande, porém não chega ainda a ser empecilho. Mas...se você tiver trinta ou mais”?**

Carioca - Petrópolis “Tenho vinte e dois anos e ele tem dezenove”

**“Você certamente, terá agora a mentalidade que a acompanhará por toda a vida; mas o rapaz... Não é a diferença de três anos, contra você, que importa: mas a pouca idade do seu namorado. Só há uma solução: esperar para certificar-se da amizade dele. Esperar, pelo menos um dois ou três anos. Se você o ama tanto.**

Juriti se encontra na situação de ter um rapaz com o dobro da sua idade. Na década de 50, muitas moças jovens buscam ansiosamente pelo seu marido ideal. O fator idade é um agravante. Se você for nova e seu namorado um pouco mais velho, tudo bem. Agora, se você for um pouco mais velha e o seu rapaz também, isso se torna um complicador. É como vemos acima, na resposta de Teresa. “Mas e se você tiver 30 ou mais”? Na época, 30 anos já era considerado ser uma solteirona.

Em contrapartida, a segunda carta é ao contrário. Uma jovem, codificada como carioca, tem 22 anos e o rapaz que namora tem 19 anos. Na resposta, Teresa afirma que ela está na idade ideal para o casamento e diz: “não é a diferença de três anos, contra você, que importa: mas a pouca idade do seu namorado”. Isto é, não sabe se o rapaz possui boa índole, se é de boa família, mas é o fator idade que impede, segundo Teresa, a duração desse namoro. A dica é esperar para ver o comportamento do moço para se certificar se ele está pronto para casar ou não.

Em seguida, dentro de A60E12P37C8, encontramos Lúcia, de Minas Gerais, que diz ter vivido um lindo sonho.

**“Que podia você uma moça feita, esperar de um rapaz de 17 anos. Procure gostar de um rapaz da mesma idade ou mais velho que possa oferecer-lhe estabilidade emotiva e que já esteja em condições de casar-se”.**

A idade não bem combinada, acaba sendo um empecilho na relação. Se você busca alguém, terá que saber sua idade antes. A idade é associada à maturidade e à estabilidade emocional. Isso pesa, principalmente em relação ao homem, que precisa adquirir experiência de vida para conduzir um casamento, enquanto para a mulher não é tão necessário. Ao ordenar a procura de um homem mais velho, Teresa deixa claro que para ela, a idade é sim muito importante para se começar um relacionamento com garantias de sucesso. Se relacionar com homens de pouca idade é frustração na certa.

Enquanto nas décadas de 40 e 50, os temas mais recorrentes são a família, casamentos e questões amorosas, na década de 60, observamos uma pequena mudança nesses temas. Com muitas mulheres indo ao mercado de trabalho, buscando sua independência e razão para viver

além do esposo e da família, surgem dúvidas em relação ao seu lugar no mundo e ao seu papel como mulher.

A60E8P50C2, solidifica esta afirmação.

### **O lar ou a Carreira?**

**Revoltada, São Paulo – Ele diz que não concorda com as minhas ideias.**

**Evidentemente se você não quer ter filhos para não prejudicar a sua brilhante carreira, então, minha amiga, estamos de pleno acordo com o seu noivo: não se case. Se admitir a ideia de procurar conciliar as duas coisas maternidade e profissão, nada temos contra. Mas na hipótese de recusar-se, terminantemente a primeira é óbvio que não deve marchar para um casamento deliberadamente estéril, destituindo-o assim, da sua natural finalidade.**

Nesta formação discursiva, há uma infinidade de coisas para se avaliar. Começamos pelo título, forma iniciada da década de 60 em algumas seções. É uma das maneiras de familiarizar os leitores com o tema que vai ser explicitado. Este título começa com uma interrogação e traz dois extremos na vida das mulheres daquela época, ter que escolher ser esposa ou ter uma carreira.

Partimos depois para o codinome utilizada pelo consultório. Revoltada. Na interpretação da seção, ela é uma pessoa revoltada ou o seu estado está revoltado. Essa revolta mostra que ela não está seguindo o que deveria ser o “normal”.

A “revoltada” quer se casar, porém não quer ter filhos e o seu noivo não concorda com esses pensamentos.

Teresa diz concordar com o noivo, de que, se ela não pensa em conciliar as duas coisas, realmente não deve se casar. Ela utiliza a palavra “estéril” para associar a um casamento sem filhos, já que o desejo da “revoltada” estaria contra a “natural finalidade” do casamento. Para Teresa, o casamento sem filhos não é um casamento legítimo, é inútil.

É um caso bastante diferente de tudo que se viu em cartas enviadas, e Teresa trata o desejo da moça até com um pouco de ironia. Visto em: “não quer ter filhos para não prejudicar sua brilhante carreira”. O uso da palavra brilhante é sarcástico.

É notável nesse aconselhamento um conselho já pré-estabelecido. O desejo “anormal” gera espanto e repulsa. Faz com que ela tenha que abrir mão de algo para garantir o outro desejo.

A mulher teria que conciliar trabalho, maternidade e seu esposo. Sem direito a escolhas “anormais”.

A questão do silêncio é vista como o lugar do desejo que vai sendo tecido, aquele que não se antecipa pela lógica imediata do racional, mas se desvela pelas forças pulsionais, em silêncio-espera.

No consultório sentimental, Teresa vai construindo aos poucos a cada edição da revista uma postura de mistério. Por se tratar de codinome fictício ou não, não sabemos, desperta a curiosidade de saber quem toma a palavra para proferir tais conselhos. Esse silenciamento de quem realmente escreve as respostas com o passar do tempo não é tão importante, pois a consultora vai estabelecendo uma postura de amiga das mulheres.

Esse silêncio anuncia o sujeito e há uma pessoa atrás dos conselhos, mas que o importante não é sua identidade, porém, a relação que é desenhada pela especialista. Ela vê o desejo de se colocar como uma amiga e confidente: que você, mulher, pode ter a segurança de me escrever, não haverá exposição ou reconhecimento de quem é você. Essa ação de poder confiar é muita bem consolidada, em suas palavras de estreitar a relação, para que não seja somente apenas uma resposta.

O silêncio é o lugar dos sentidos que se fazem fora da representação da palavra, mas estão no imaginário humano, nas tramas do que o sujeito aprende e transforma em imaginário.

Então, esse jogo que se forma a partir do lugar dos sentidos demonstra que Teresa cria uma personagem de postura confiável e a pessoa ideal para decifrar as questões que são trazidas até ela.

Foi possível inferir, pelos assuntos tratados pela revista, que há um silenciamento de um assunto específico. A sexualidade é muito pouco abordada, e, quando é, como algo que fosse proibido, ou não necessário de se descobrir. A curiosidade é rapidamente desassociada a algo natural, como se não precisasse saber sobre esse assunto.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho de conclusão de curso teve como objetivo analisar os discursos femininos na seção, Da Mulher para a Mulher, na revista O Cruzeiro.

A pergunta discursiva que norteou o nosso trabalho, para chegarmos a uma possível conclusão, foi de que forma os discursos femininos no consultório sentimental apontavam para uma normalização dos sentimentos femininos.

Sendo de que a nossa hipótese é de que sim, apontam para uma normalização através de padrões, valores e imaginários idealizados pela sociedade patriarcal.

Neste consultório sentimental, os assuntos que mais permeavam a seção eram sobre casamento, família, rotina e trabalho, solidificando a idealização de um modelo feminino tradicional.

Os sentidos afetos que estavam infiltrados dentro desses temas principais, se constituíam como insegurança, desalento, medo, conflitos familiares, ressentimento e ciúmes.

Ao analisar as cartas e as repostas dada pela consultora, a primeira observação a se fazer é sobre as projeções imaginárias entre leitora e especialista. Teresa constrói uma relação de poder com a mulher que envia a carta. Toma para si a posição sujeito de especialista sobre o assunto. Ela tem o “poder” de ditar conselhos, recomendações, pois possui tal autoridade para dizê-los.

Mesmo não sabendo a real identidade dela, a projeção que a leitora proclama, é de que ela detém esse saber, e que, ao usar essas orientações, conseguirá resolver o que lhe aflige. A consultora utiliza o seu poder de fala dado à ela nessa posição, para proferir seus ensinamentos.

Já a relação que Teresa estabelece para com a leitora é de buscar a confiança e estreitar os laços de contato. Ela utiliza muito “minha amiga”; “minha querida amiga”, assim, ela fixa um discurso de afetividade, como uma amizade entre duas melhores amigas.

É uma relação que precisa de intimidade para se fortalecer, e Teresa busca isso assiduamente com as FDs: “espero te ver novamente por aqui”, “adoro sua cidade”, “depois me conte se deu tudo certo”. Com essas formações discursivas, expõe que é importante para ela saber o resultado dos conselhos e cultivar na leitora o sentimento de amizade. “Se precisar de algo, estou aqui”. “Pode me escrever porque você sempre terá uma amiga para lhe mostrar o melhor caminho a ser seguido”.

Os codinomes utilizados, muitas vezes uma demonstração de carinho, eram uma das maneiras de reconhecimento da carta. A seção disponibilizava fragmentos também da carta e a localização da leitora, porém era pouco para saber se a sua carta foi selecionada. Os codinomes ajudavam com o sigilo, para que essas mulheres pudessem ter a liberdade de expressarem o que sentiam sem serem julgadas e reconhecidas.

Era um jeito também de abordar tal assunto que seria discutido e trazer um ar de descontração também para a coluna. Sempre muitos criativos e relacionados com o assunto ou opinião que Teresa apresentava.

Os codinomes carregavam sentidos que a memória discursiva da consultora associava com o tema e o conselho dado. Um exemplo é o codinome miosótis. Um gênero de planta conhecida popularmente como não me esqueças. Teresa utiliza-o como forma de reconhecimento do assunto e, assim, deixa o nome da mulher preservado.

Teresa também sempre deixa claro o desejo de ajudar. Utiliza o verbo na 1ª pessoa do singular para ter uma relação de proximidade nos enunciados, esse desejo de manter uma

relação única e direta é predominante na coluna. É para a leitora se sentir especial e íntima da consultora.

Durante a passagem do consultório sentimental de 1940 a 1963, percebemos que os assuntos predominantes tiveram mudanças significativas. No início, o tema família, relacionamentos, ciúmes e tudo que envolvesse a mulher no seio familiar estavam nas dúvidas das leitoras.

Durante os anos da década de 50, a estética era muito evidenciada e como conquistar um bom marido. Desejo esse cultivado pelo consultório, pois o objetivo de vida da moça solteira era conquistar um bom marido para construir uma família.

Mais adiante, principalmente, com a modernização, a mulher tinha um novo cenário que não era apenas ser a dona do lar. As mulheres começaram a reivindicar seus direitos e a trabalhar. Uma mudança radical para época.

As primeiras respostas da seção eram de que, se a mulher tem um bom esposo, que cuida da casa e a mantém, não tem a necessidade de se aventurar na rua. Seu lugar pertencia a cuidar dos filhos, da casa e preservar a sua família.

Porém, muitas já viam que o casamento não era a única opção possível, muitas estavam se divorciando e buscando sua liberdade, esses assuntos começaram a predominar, e Teresa sempre aconselhava as mulheres a defender seu casamento e que trabalho e família não funcionavam muito bem. Ou você escolhia a carreira ou o lar.

A mulher, que não buscava os papéis femininos disseminados na sociedade, era considerada como exceção.

Com o passar dos anos, também, a postura de Teresa se modifica. Antes ela utilizava a 1ª pessoa do singular. “Eu acho, eu creio”. Assim, ela diz o que ela pensa, como pensa e traz a responsabilidade dos conselhos para si. “Eu estou dizendo que você deveria fazer e como fazer”.

Depois da década de 60, muda o seu discurso afirmando: “nós achamos, nós cremos”. Isso mostra que a coluna passou por uma transformação. Houve uma institucionalização. Agora, ela não fala por si, agora ela fala em nome da revista.

Revista essa, que tinha como público a classe média, e com maior poder de compra, dizia que a mulher pertencia ao lar e a família. As esposas eram dependentes de seus maridos, o que as afastava do ideal de igualdade e liberdade social.

A mídia tinha um caráter pedagógico, em especial a imprensa feminina, que fiscalizava e ditava valores. A coluna Da Mulher para a Mulher fazia esse trabalho para a construção do imaginário social a respeito dos papéis femininos idealizados pela sociedade.

Ao observar os discursos femininos, identificamos que a mulher em sua condição genética nasceu para ser mãe e esposa. Tudo que se afastava desse pensamento era visto como desvio. Discursos de como a mulher deveria se comportar para ser considerada virtuosa e respeitada, o que poderia fazer para agradar seu marido, como ela deveria se vestir e conversar sobre determinados assuntos.

Tal como vimos acima, na análise, há um silenciamento do assunto sexualidade. Sim, era visto como um tabu. Não que as mulheres não quisessem falar sobre este assunto, mas era silenciado pela revista. Por ser considerado um assunto que não devia ser pronunciado por mulheres de valor.

As cartas também eram silenciadas. Com fragmentos das cartas, na seção, não era possível saber o que realmente foi escrito pela leitora. Deixava-se subentendido e um pouco mais explícito na resposta. Algumas se perdiam no seu sentido, porque eram indecifráveis para outras leitoras. Contudo, claro que para a leitora que enviou a carta e para Teresa era compreensível. Consequentemente, mais uma vez mostrando essa intimidade que a seção valorizava.

Ciente de que a revista funcionava como um guia que semeava os valores tradicionais da sociedade patriarcal, fazia com que o consultório nutrisse esse imaginário do papel feminino na sociedade, já que o medo das camadas conservadoras estava nesse empoderamento da mulher conquistar a sua independência financeira e intelectual.

Não eram só padrões em cubos fechados instaurados nesses discursos. Ali, fixou-se uma relação de poder entre leitora e consultora, revista e mulher. Direcionar o pensamento, a conduta, conduzir os atos e levar enunciados que fossem absorvidos, função essa destinada ao consultório. Não simplesmente uma carta e uma resposta. Porém discursos que evidenciavam a fragilidade da mulher, que não possuía espaço público na época, já que vivia em seu espaço privado, em seu lar.

O consultório, muito mais que um meio jornalístico de informações e trocas, era um sintoma de poder sobre essas mulheres. Com o pensamento de fazer parte do modelo que a

maioria das mulheres buscavam e representavam, reforçado constantemente na imprensa feminina nos 1940, 1950 e 1960.

Exposto isso, pode-se concluir que o consultório sentimental Da Mulher para a Mulher, na revista O Cruzeiro, espalhava através de seus discursos, uma normalização do sentimento feminino com o intuito de ministrar o que a mulher deveria fazer ou não para ser bem aceita na sociedade tradicional.

Administrava e influenciava como essa mulher deveria se posicionar perante alguma situação e como deveria agir. Discursos de ordem, autoridade e afetividade, traçavam laços e criavam seguidoras fiéis do consultório, que o viam como uma ajuda importante para resolver os seus problemas.

O discursivo persuasivo pregava que a motivação da mulher era fazer da família a parte central de sua vida e desestimulava a carreira dela, assim, valorizando a atividade doméstica.

O casamento era algo sagrado, e o amor, um só. A busca pelo seu homem que logo se tornaria seu marido, fazia parte da vida das moças que não buscavam outro objetivo de vida. Mesmo com um cenário de transformação social na década de 60, com muitas mulheres trabalhando como operárias, a revista não abordava que a mulher também poderia conquistar sua independência, caso pensasse assim. A incessante busca por construir uma família, ser uma boa mãe e esposa, era o discurso proferido pelo consultório para a garantia da felicidade da mulher.

Ser feliz era se adequar a um padrão. Ser feliz era seguir a onda sem saber se poderia se afogar. Ser feliz era se encapuzar de comportamentos e sentidos do que ser uma boa mulher para a sociedade. Para ser feliz era preciso se anexar em um mundo carregado de moldes e medidas.

## REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **Fragments de um Discurso Amoroso**. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 2000.

BERQUÓ, Elza. **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BLANCO, Esmeralda. **Mulheres e menores no trabalho industrial**: os fatores sexo e idade na dinâmica do capital. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1982.

BONATI, Dulcina. **A cultura “psi” das revistas femininas**: gênero, subjetividade e psicologização. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000135727> Acesso: 3 de maio de 2016.

BUITONI, Dulcília. **Imprensa Feminina**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

CADERNOS DA COMUNICAÇÃO. **O Cruzeiro a maior e melhor revista da América latina**. Rio de Janeiro: Ed. Secretaria Especial de Comunicação Social, 2002.

CELESTE, Maria. **O leitor e banca de revistas: o caso da editora Abril**. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000122361> Acesso: 4 de Abril de 2016

DEL PRIORE, Mary. **A história da mulher no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2000.

DEL PRIORE, Mary. **A história do amor no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

ENI, Orlandi. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Editora Pontes, 2009.

ENI, Orlandi. **Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas: Editora Pontes, 2005.

FRANCISCHETT, Leandra. **Entre a emancipação e a dependência: as mulheres na revista O Cruzeiro através das fotorreportagens**. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1/ENTRE%20A%20EMANCIPACaO%20E%20A%20DEPENDENCIA.pdf>. Acesso: 6 de Abril de 2016.

LIMA, Sandra. **Imprensa feminina, Revista feminina: a imprensa feminina no Brasil**. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/2219/1320>. Acesso: 10 de maio de 2016.

MOLINA, Ana Heloísa. “Propagandas masculino/feminino e variedades: a revista O Cruzeiro na aula de História. GAWRYSEWSKI, Alberto (org.). **O Cruzeiro: uma revista (muito) ilustrada**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina/LEDI, 2009. (Coleção na comunidade, v.3).

NETTO, Accioly. **O império de papel: os bastidores de O Cruzeiro**. Porto Alegre: Editora Sulina, 1998.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Editora. Pontes, 1997.

SIMANKE, Natália. **Da Mulher Para a Mulher: o papel feminino na revista O Cruzeiro**. Disponível em: <http://biblioteca.versila.com/?q=o+cruzeiro+revista> Acesso: 20 de Abril de 2016.

SOHIET, Rachel. **Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

VAINFAS, Ronaldo. **História da sexualidade no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1983.

